



Heródoto Barbeiro (*)

A navegação e o comércio mundiais dependem muito de estreitos, canais e passagens marítimas.

Dá a importância dos países fronteiriços ou detentores dessas passagens se empenharem vivamente por sua preponderância sobre elas. Parte significativa das cargas marítimas depende delas para chegar mais brevemente aos seus destinos com preços mais competitivos. O frete marítimo é mais barato, o rápido recarregamento faz com que o navio seja mais utilizado e mergulhe, novamente, nas rotas oceânicas. Os compartimentos de cargas são entupidos de produtos manufaturados, matérias-primas, petróleo e outras mercadorias.

O número de embarcações aumenta de ano para ano com mais empresas de navegação. Alguns países locam suas bandeiras para que essas companhias paguem menos impostos do que no país de origem do investidor. Os casos mais conhecidos são o uso de bandeiras da Libéria e do Canadá. Estaleiros e empresas seguradoras engordam os caixas com tal volume de encomendas.

As marinhas de guerra se fortalecem com mais tecnologia militar. O poderio de uma nação apoia-se principalmente em sua esquadra, capaz de intervir em qualquer lugar do globo para defender os interesses colonialistas e imperialistas das nações industrializadas. Atacar uma embarcação de uma dessas nações é provocar uma intervenção maciça de toda a esquadra de guerra. Assim, as passagens marítimas têm uma importância geopolítica grande.

Fechar uma passagem, um

estreito ou um canal não é difícil. Até mesmo os países mais fracos militarmente podem fazer isso e impactar diretamente a economia internacional. Um navio afundado no canal ou baterias nas margens dos estreitos são o suficiente para brechar o tráfico marítimo.

As passagens naturais são as mais rentáveis para os países que a assediam. Não dependem de comportas nem de rebocadores, o navio se movimenta com seus próprios motores. Uma delas encurta uma viagem entre a Ásia e a Europa em 7 mil quilômetros, evitando que os navios tenham de dar uma volta completa no continente africano. Por lá passam de 12 a 14 por cento do comércio mundial.

Na inauguração do Canal de Suez estão presentes Eugênia, a mulher do imperador da França, Napoleão III, o escritor português Eça de Queirós – aquele de A Cidade e a Serra – e há quem diga que a ópera Aída, de Giuseppe Verdi, tenha sido apresentada no Cairo. O ano de 1869 marca um avanço no transporte marítimo mundial e um avanço geopolítico da França, uma vez que Suez foi construído pela empresa de Ferdinand Lesseps. Nem tudo são rosas. Foram empregados um milhão e meio de egípcios e, pelo menos, 120 mil morreram, principalmente de cólera. Uma obra digna de um faraó.

Várias dinastias egípcias fizeram as primeiras obras e o canal ficou pronto no século 5 antes de Cristo, e chegaram mesmo a fazer uma circunavegação do continente africano, segundo o historiador grego Heródoto.

(*) - É professor e jornalista, âncora do Jornal Novabrasil, colunista do R7, do Podcast. Mestre em História pela USP e inscrito na OAB. Palestras e mídia training. Canal no Youtube (www.herodoto.com.br).



News@TI

Acer Veriton GN100

Em um momento em que empresas de todos os portes buscam escalar o uso de inteligência artificial com controle, segurança e previsibilidade de custos, o Acer Veriton GN100 surge como uma alternativa para desenvolvimento, experimentação e validação local de modelos de IA. A máquina, equipada com o superchip NVIDIA GB10 Grace Blackwell, permite executar tanto LLMs quanto cargas de trabalho avançadas em tempo real e de forma local, o que reduz a dependência da arquitetura em cloud e garante redução de custos recorrentes, como com tokens ou serviços de nuvem. Disponível desde janeiro no Brasil, de forma pioneira pela Acer, já traz resultados sólidos. Em um evento no último dia 16 de julho, a companhia compartilhou com jornalistas parceiros e clientes, os resultados obtidos pela Hoff Analytics, empresa de tecnologia para o setor de construção civil sediada em Sorocaba (SP) (<https://www.acer.com/br-pt>).

Estudo mapeia o uso de IA e a maturidade digital

Em um cenário de rápidas transformações tecnológicas, mudanças regulatórias e crescente pressão por eficiência operacional, a Keevo Software (www.keevo.com.br), empresa de tecnologia com atuação nas áreas de gestão contábil, gestão de pessoas e gestão empresarial, prepara, em parceria com a Análise Econômica (www.analiseeconomica.com.br), a pesquisa nacional “Índice de Maturidade do DP/RH Brasileiro 2026”. Será um estudo inédito que pretende iniciar um observatório abrangente sobre o estágio de evolução dos departamentos pessoais e áreas de recursos humanos das PMEs brasileiras. O levantamento, que começou neste mês de julho e vai até outubro, vai ouvir profissionais que vivem os desafios da operação trabalhista e de gestão de pessoas, incluindo gerentes, coordenadores, analistas e assistentes de DP e RH de todo o país.

Governo japonês usa IA para incentivar casamentos

O lançamento, em setembro de 2024, do Tokyo Enmusubi, aplicativo estatal de relacionamentos suportado por inteligência artificial, é mais do que uma curiosidade tecnológica. É um sintoma da urgência com que o Japão tenta enfrentar sua crise demográfica, com o governo assumindo o papel de “cupido oficial”, algo que revela tanto a gravidade da situação quanto os limites das soluções disponíveis.

Vivaldo José Breternitz (*)

Os números falam por si: em 2025, nasceram naquele país 671 mil crianças, enquanto 1,6 milhão de pessoas morreram. A taxa de fertilidade caiu para 1,1 filhos por mulher, muito abaixo do nível necessário para manter a população estável, que é 2,1. Diante desse cenário, o Estado não apenas incentiva casamentos, mas cria ferramentas para que eles aconteçam.

É oportuno lembrar que no Brasil a taxa de fertilidade está em 1,6, confirmando a tendência de queda e envelhecimento da população brasileira.

Mas há uma questão cultural e ética que não pode ser ignorada. Ao transformar as ligações amorosas em política pública, o governo invade um espaço que sempre foi privado, íntimo, marcado por escolhas pessoais. O risco é que o casamento deixe de ser visto como decisão individual e passe a ser tratado como instrumento de política demográfica.

É verdade que o Tokyo Enmusubi já mostra resultados: 36 mil pessoas se inscreveram, das quais 16 mil foram aceitas como usuárias do aplicativo após passarem por uma entrevista. Até meados de julho, 760 casais que se conheceram pelo aplicativo estavam em “relacionamentos sérios”, já tendo acontecido 265 casamentos.



Jupiterimages_CANVA

Há histórias que dão um rosto humano à iniciativa, como a de “Turtle”, que encontrou marido aos 40 anos, ou de “Skytree”, que disse que o sistema de pontuação de compatibilidade foi decisivo para incentivá-lo a marcar encontros: “Mesmo que você esteja em dívida, uma alta pontuação de compatibilidade dá a motivação necessária”.

O Tokyo Enmusubi é único porque simboliza um Estado que, diante da urgência demográfica, cruza fronteiras antes reservadas às pessoas. É uma medida pragmática, mas também um alerta: quando governos começam a intervir diretamente

na esfera íntima, é sinal de que o problema deixou de ser apenas estatístico e passou a ser social.

No fim, o Tokyo Enmusubi pode até gerar casamentos e filhos. Mas a verdadeira questão é se conseguirá restaurar a confiança dos japoneses no futuro, algo que não se resolve apenas com algoritmos, mas com políticas que deem segurança econômica, social e emocional para que as pessoas queiram, de fato, formar famílias.

(*) Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo, é professor, consultor e diretor do Fórum Brasileiro de Internet das Coisas – vjnit@gmail.com.

Por que as empresas mais avançadas em IA estão focando em cultura?

Tem uma cena que se repete em empresas do Brasil inteiro. A diretoria aprova o investimento em IA, o time de tecnologia implementa a ferramenta, acontece um piloto promissor, mas, um tempo depois, tudo voltou ao normal. A ferramenta existe, as pessoas não usam e ninguém sabe exatamente por quê.

Eu acompanhei esse ciclo de perto muitas vezes do que gostaria de contar. E cheguei a uma conclusão que vai na contramão do que a maioria do mercado ainda acredita: o problema quase nunca é a tecnologia. A IA escolhida era boa, a integração funcionava e o uso fazia sentido. O que não estava pronto era o ambiente humano para receber essa mudança.

Cultura organizacional não é pauta só da área de RH. É infraestrutura, é o conjunto invisível de regras que determina como as decisões são tomadas, quem tem voz, o que é recompensado e o que é tolerado. Quando uma empresa instala IA sobre uma cultura que valoriza hierarquia rígida, aversão ao erro e controle manual de processos, ela não está acelerando nada, mas sim colocando um motor de Fórmula 1 em uma estrada de terra.

As companhias que estão avançando de verdade com IA têm algo em comum que, muitas vezes, não aparece nos cases de tecnologia: elas investiram antes em construir times que sabem trabalhar com incerteza, que testam hipóteses sem vergonha de errar e que entendem o próprio trabalho com profundidade suficiente para saber onde a máquina ajuda e onde o julgamento humano é insubstituível.

E aqui está o ponto que mais me importa nessa discussão, porque a IA não veio para



Gustavo Caetano

O profissional que aprende a trabalhar com IA, que sabe questioná-la, calibrá-la e usá-la com critério, não está em risco. Na verdade, ele está em vantagem. O que está em risco é continuar fazendo o mesmo, do mesmo jeito, como se a IA não existisse

substituir pessoas, ela veio para amplificar o que as pessoas fazem. Porém, e esse é o detalhe que muda tudo, ela só amplifica bem o que já está funcionando. Um time desalinhado com IA fica mais desalinhado, uma liderança que não sabe comunicar decisões com IA comunica decisões ruins mais rápido. Ou seja, a tecnologia poten-

cializa o que existe e, por isso, a base precisa ser boa.

Também acho válido falar sobre o elefante na sala: o medo de ser substituído. Ele existe e é legítimo. Mas digo com convicção, a partir do que vivo no dia a dia como líder e empreendedor e do que vejo em empresas ao redor do mundo: o profissional que aprende a trabalhar com IA, que sabe questioná-la, calibrá-la e usá-la com critério, não está em risco. Na verdade, ele está em vantagem. O que está em risco é continuar fazendo o mesmo, do mesmo jeito, como se a IA não existisse.

Por isso, quando me perguntam o que fazer para avançar com IA nas organizações, minha resposta começa sempre pelo mesmo lugar: antes de escolher a ferramenta, olhe para o time. Invista no letramento em IA para garantir um conhecimento nivelado, crie espaços onde experimentar seja seguro. Reconheça quem aprende rápido, não só quem entrega resultado imediato. E, principalmente, mostre como você mesmo trabalha com IA no dia a dia, porque nenhum treinamento substitui o exemplo de quem lidera.

No fim, acredito profundamente que as empresas mais avançadas em IA não são as que têm as melhores ferramentas, mas sim as que construíram os melhores times. Tecnologia qualquer um compra. Já cultura que sabe trabalhar com tecnologia, essa leva tempo, intenção e liderança para construir. E é exatamente isso que vai separar, nos próximos anos, as empresas que usam IA das que são verdadeiramente transformadas por ela.

(Fonte: Gustavo Caetano é CEO e fundador da Sambatech).

	José Hamilton Mancuso (1936/2017) Responsável: Lilian Mancuso	Laurinda Machado Lobato (1941-2021)	José Leonil Lobato (1939-2026)
Editórias <i>Economia:</i> Nelson Tucci (nelson.tucci@netjen.com.br) <i>Mercado/Negócios/Tecnologia/Agronegócios/ Espaço empresarial:</i> Ricardo Souza (ricardosouza@netjen.com.br); <i>Livros:</i> Ralph Peter (ralphpeter@agenteliterarioralph.com.br) <i>Comercial:</i> comercial@netjen.com.br <i>Publicidade Legal:</i> lilian@netjen.com.br		<i>Webmaster/TI:</i> Fabio Nader; <i>Editoração Eletrônica:</i> Ricardo Souza. <i>Revisão:</i> Maria Cecília Camargo; <i>Serviço informativo:</i> Agências Brasil, Senado, Câmara, EBC, ANSA. Artigos e colunas são de inteira responsabilidade de seus autores, que não recebem remuneração direta do jornal.	
Colaboradores: Ana Luisa Winckler, Carol Olival, Claudia Lazzarotto, Denise Debiasi, Fabiana Monteiro, Geraldo Nunes, Heródoto Barbeiro e Neiva Mendes		ISSN 2595-8410	
Jornal Empresas & Negócios Ltda Administração, Publicidade e Redação: Rua Joel Jorge de Melo, 468, cj. 71 – Vila Mariana – São Paulo – SP – CEP.: 04128-080 Telefone: (11) 3106-4171 – E-mail: (netjen@netjen.com.br) Site: (www.netjen.com.br). CNPJ: 05.687.343/0001-90 JUCESP, Nire 35218211731 (6/6/2003) Matriculado no 3º Registro Civil de Pessoa Jurídica sob nº 103.			